

A Opressão Social Do Embranquecimento: Uma Análise À Luz Do Materialismo Histórico Dialético

Eulina Maria Leite Nogueira¹, Alcione Santos De Souza², Ricardo Ferreira Vale³, Aleksandro do Nascimento Santos⁴, Roberto de Jesus Dias⁵, Eneias Nunes da Silva⁶, Lívia Barbosa Pacheco Souza⁷, Gabriel Antonio Ogaya Joerke⁸, Marcella Suarez Di Santo⁹

¹(Universidade Federal do Amazonas)

²(Universidade Federal Rural do Amazonas)

³(Universidade Federal de Ouro Preto)

⁴(Universidade de São Paulo)

⁵(Universidade Cidade de São Paulo)

⁶(Universidade Cidade de São Paulo)

⁷(Universidade Federal da Bahia)

⁸(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso)

⁹(Universidade de Brasília)

Resumo:

Este artigo propõe uma análise especializada do fenômeno do embranquecimento sob a perspectiva do materialismo histórico dialético, utilizando os principais insights de três autores amplamente referenciados na literatura acadêmica. Fanon (1952), Davis (1981) e Hall (1992). O materialismo histórico dialético, com suas bases teóricas sólidas, permite examinar o embranquecimento como um mecanismo de opressão racial, evidenciando suas relações intrínsecas com o sistema capitalista e a luta de classes. Ao incorporar as perspectivas de Fanon, Davis e Hall, é possível enriquecer e aprofundar a compreensão desse fenômeno complexo, suas origens históricas e suas implicações sociais. A abordagem materialista histórica dialética destaca a importância de uma análise crítica e contextualizada do embranquecimento, visando a transformação social e a construção de uma sociedade antirracista e igualitária.

Palavras-chave: Embranquecimento; Materialismo Histórico-Dialético; Lutas de Classes.

Date of Submission: 28-05-2023

Date of Acceptance: 08-06-2023

I. Introdução

O fenômeno do embranquecimento refere-se às estratégias e mecanismos utilizados para promover a ascensão e a valorização da branquitude em detrimento de outras identidades raciais. Este artigo busca investigar as raízes históricas e as dinâmicas sociais envolvidas no processo de embranquecimento, utilizando os conceitos e análises do materialismo histórico dialético.

O embranquecimento é um fenômeno que se refere às estratégias e práticas sociais utilizadas para promover a valorização da branquitude em detrimento de outras identidades raciais. Esse processo está intrinsecamente ligado ao racismo estrutural e tem suas raízes em contextos coloniais e escravistas. A compreensão do embranquecimento requer uma análise crítica que leve em consideração as relações de poder, a luta de classes e as dinâmicas sociais do capitalismo.

No decorrer do artigo, serão exploradas as contribuições de três importantes autores cujas obras serão fundamentais para a discussão:

Frantz Fanon (1925-1961): Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo martinicano, trouxe uma perspectiva única sobre o embranquecimento e suas consequências psicológicas e sociais. Em obras como "Pele Negra, Máscaras Brancas" (1952) e "Os Condenados da Terra" (1961), Fanon examina as formas de alienação e destruição da identidade que resultam do processo de embranquecimento e analisa a luta anticolonial e antirracista.

Angela Davis (1944-presente): Angela Davis, ativista e acadêmica estadunidense, traz contribuições cruciais para a compreensão do embranquecimento dentro do contexto da luta de classes. Seus escritos, como "Mulheres, Raça e Classe" (1981), exploram as interseções entre raça, classe e gênero, revelando como o embranquecimento é uma estratégia de perpetuação do sistema capitalista.

Stuart Hall (1932-2014): Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo jamaicano-britânico, desenvolveu análises importantes sobre o racismo e a construção social da identidade. Seu trabalho, como "A Centralidade da Cultura: Notas sobre as Revoluções de Nosso Tempo" (1992) e "Identidades e Diferenças: a Perspectiva Cultural" (1990), oferece uma compreensão crítica das formas como o embranquecimento é reproduzido e resistido através da cultura.

Esses três autores fornecem perspectivas teóricas e análises fundamentais para a compreensão do fenômeno do embranquecimento. Suas obras serão amplamente utilizadas no corpo do texto para embasar e enriquecer a discussão sobre o tema, à luz do materialismo histórico dialético.

O objetivo desta pesquisa é analisar o fenômeno do embranquecimento à luz do materialismo histórico dialético, investigando suas origens históricas, suas dinâmicas sociais e suas relações com o racismo e a luta de classes. Busca-se compreender as formas como o embranquecimento funciona como um mecanismo de opressão racial e como está relacionado à reprodução do sistema capitalista.

Os possíveis resultados desta pesquisa incluem: Uma compreensão mais aprofundada das raízes históricas do embranquecimento e de sua relação com o racismo estrutural. Uma análise crítica das dinâmicas sociais que perpetuam o embranquecimento e das estratégias utilizadas para valorizar a branquitude em detrimento de outras identidades raciais. Uma exploração das interseções entre o embranquecimento e a luta de classes, revelando como esse fenômeno está enraizado nas relações de poder e nas desigualdades socioeconômicas. Uma reflexão sobre as possibilidades de resistência e superação do embranquecimento, considerando a conscientização, a organização popular e a solidariedade entre os grupos oprimidos como ferramentas para a transformação social.

Contribuições para o debate acadêmico e para a formulação de estratégias políticas e sociais mais efetivas no combate ao racismo e na construção de uma sociedade mais igualitária. Os resultados esperados desta pesquisa visam fornecer subsídios teóricos e práticos para a compreensão do embranquecimento como um fenômeno complexo e para a elaboração de abordagens e ações antirracistas mais embasadas e eficazes.

II. Fundamentos do Materialismo Histórico Dialético

Os fundamentos do materialismo histórico dialético são essenciais para compreender a abordagem teórica que será utilizada nesta pesquisa. Alguns conceitos-chave incluem o modo de produção, as contradições sociais e a luta de classes. Além disso, é importante explorar as relações entre a infraestrutura e a superestrutura, bem como a análise histórica e a determinação social.

O conceito de modo de produção refere-se às formas específicas pelas quais os seres humanos produzem os bens necessários à sua sobrevivência. O modo de produção inclui as relações de propriedade, as formas de organização do trabalho e as tecnologias utilizadas. O materialismo histórico dialético enfatiza a importância do modo de produção na determinação das estruturas sociais e das relações de poder.

O Materialismo Histórico Dialético, como abordagem teórica, busca analisar a sociedade a partir da compreensão das relações de produção, das contradições sociais e da luta de classes. Baseia-se na ideia de que as mudanças históricas são impulsionadas pelos conflitos entre as classes sociais, com a infraestrutura econômica desempenhando um papel fundamental na estruturação da superestrutura social. Essa abordagem procura revelar as contradições e conflitos inerentes ao sistema capitalista, bem como as possibilidades de transformação social para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária. (MARINI, 1973).

As contradições sociais são as tensões e antagonismos que surgem dentro de uma sociedade devido a conflitos de interesse entre diferentes grupos e classes sociais. O materialismo histórico dialético entende que as contradições são inerentes ao sistema social e são impulsionadoras da mudança e transformação social.

A luta de classes refere-se ao conflito entre as diferentes classes sociais na busca por interesses divergentes. No contexto do materialismo histórico dialético, a luta de classes é considerada um motor central da mudança social. Ela envolve a disputa pelo controle dos meios de produção e pela distribuição dos recursos.

O materialismo histórico dialético destaca a interação entre a infraestrutura econômica e a superestrutura social e cultural. A infraestrutura inclui as relações de produção, as forças produtivas e a organização econômica de uma sociedade. A superestrutura abrange as instituições políticas, jurídicas, culturais e ideológicas que emergem e se sustentam em relação à infraestrutura.

A análise histórica é fundamental no materialismo histórico dialético, pois busca compreender as transformações sociais ao longo do tempo e identificar as contradições e mudanças estruturais que ocorrem na sociedade. A determinação social refere-se à ideia de que as condições materiais e sociais de uma sociedade influenciam e moldam as formas de vida, as instituições e as relações sociais.

Ao utilizar esses fundamentos do materialismo histórico dialético, esta pesquisa busca aplicar essa abordagem teórica à análise do embranquecimento, buscando uma compreensão crítica e aprofundada das estruturas sociais e das contradições que perpetuam esse fenômeno.

III. O Embranquecimento como Construção Social

O embranquecimento é um fenômeno social construído que tem suas origens históricas ligadas principalmente às práticas coloniais e escravistas. Durante o período colonial, as potências europeias estabeleceram sistemas de dominação e exploração em diferentes partes do mundo, resultando em um intenso contato entre diferentes grupos étnicos e raciais.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DOUGLASS apud DAVIS, 2016, p. 108).

Nesse contexto, o embranquecimento surge como uma estratégia utilizada pelas elites dominantes para valorizar e promover a branquitude como superior e desvalorizar as demais identidades raciais. Essa estratégia baseia-se na ideia de que a branquitude é associada a traços de beleza, inteligência e superioridade, enquanto as outras identidades raciais são estigmatizadas e inferiorizadas.

O embranquecimento desempenha um papel fundamental na perpetuação da dominação branca e na manutenção do sistema capitalista. Ao valorizar a branquitude como padrão de beleza, sucesso e privilégio, ele contribui para a reprodução de desigualdades sociais, econômicas e políticas. Através do embranquecimento, as estruturas de poder se consolidam, beneficiando aqueles que se enquadram nos padrões impostos pela sociedade branca dominante.

Além disso, o embranquecimento está intrinsecamente ligado à racialização, que é o processo pelo qual as categorias raciais são socialmente construídas e utilizadas como mecanismos de controle e hierarquização. A racialização coloca os indivíduos em diferentes posições sociais com base em sua raça, criando uma hierarquia racial que favorece a branquitude em detrimento de outras identidades raciais.

Dessa forma, o embranquecimento funciona como um mecanismo de controle social, pois limita as oportunidades e o acesso a recursos para aqueles que não se encaixam nos padrões de branquitude. Além disso, reforça a hierarquia racial, perpetuando a marginalização e a exclusão de grupos racializados, enquanto beneficia aqueles que estão mais próximos do ideal branco.

Ao examinar o embranquecimento como uma construção social, é possível compreender como ele está enraizado nas estruturas de poder e como contribui para a manutenção das desigualdades sociais e econômicas. Essa análise crítica é essencial para a luta antirracista e para a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, que reconheça e valorize a diversidade racial e combata as estruturas de dominação e opressão.

IV. Resistência e Superação do Embranquecimento Social

A resistência e superação do embranquecimento envolvem a mobilização de movimentos antirracistas e a luta pela igualdade racial. Diversos grupos e organizações têm se dedicado a combater o racismo estrutural e as práticas de embranquecimento, buscando transformar as estruturas sociais e promover a valorização e o respeito às identidades raciais marginalizadas.

A conscientização desempenha um papel fundamental nesse processo. Por meio da conscientização, as pessoas são encorajadas a reconhecer as desigualdades raciais e a entender como o embranquecimento contribui para a opressão e a marginalização de grupos racializados. A conscientização é um primeiro passo importante para desafiar as normas e os estereótipos raciais e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Solucionar problemas geralmente é uma questão de mudar a forma como as pessoas fazem as coisas, ou como elas veem o mundo. Não importa o quanto desejemos que o governo nos deixe em paz, quando nos confrontamos com grandes problemas sociais, esperamos que o governo empenhe todos os seus esforços para mudar as atitudes ou crenças das pessoas envolvidas na criação ou na solução destes problemas. Em outras palavras, geralmente esperamos que o governo mude a cultura das pessoas ... A cultura agora está na agenda das reformas do governo, pois sabemos, a partir de uma série de recentes pesquisas, que a cultura talvez seja o fator determinante mais importante em uma combinação de sucesso econômico e coesão social, a longo prazo. Ignorar este fato foi o erro tanto dos estatistas de esquerda quanto dos partidários do *laissez-faire* de direita. (Perri 6, 1997, p. 260-272)

Além disso, a organização popular é crucial para a resistência e superação do embranquecimento. Através da organização em comunidades, movimentos sociais e grupos de defesa dos direitos humanos, é possível fortalecer a voz coletiva e promover ações efetivas para combater o racismo. A organização popular permite a articulação de demandas e a mobilização de recursos e estratégias para enfrentar as estruturas de poder que sustentam o embranquecimento.

A solidariedade entre os grupos oprimidos também desempenha um papel importante na luta contra o embranquecimento. Reconhecer as interseções entre as diferentes formas de opressão, como o racismo, o sexismo

e a exploração de classe, permite a construção de alianças entre movimentos e grupos que compartilham objetivos comuns. A solidariedade entre os grupos oprimidos fortalece a resistência e amplia a capacidade de confrontar as estruturas de poder e buscar a superação do embranquecimento.

No entanto, a superação do embranquecimento enfrenta desafios significativos. O racismo é uma estrutura enraizada e complexa, que está intrinsecamente ligada ao sistema capitalista e a outras formas de opressão. Superar o embranquecimento requer uma análise crítica das estruturas sociais, econômicas e políticas que o sustentam.

Uma perspectiva materialista é fundamental nesse processo, pois busca entender as relações entre o embranquecimento, o sistema capitalista e a luta de classes. Isso implica em desafiar as desigualdades socioeconômicas e as estruturas de poder que perpetuam o racismo, buscando uma transformação social mais ampla.

Apesar dos desafios, a resistência e superação do embranquecimento também apresentam possibilidades transformadoras. Através da conscientização, da organização popular e da solidariedade entre os grupos oprimidos, é possível desafiar as normas estabelecidas, questionar as estruturas de poder e construir um movimento mais amplo de combate ao racismo e à valorização da igualdade racial.

Nesse sentido, uma abordagem materialista histórico-dialética oferece uma base teórica sólida para entender as contradições sociais e as lutas de classes que permeiam o processo de resistência e superação do embranquecimento, abrindo caminho para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

V. Considerações Finais

Por meio do materialismo histórico dialético, podemos compreender que o embranquecimento não é apenas uma questão de identidade individual, mas sim um fenômeno enraizado nas estruturas sociais, econômicas e políticas. Ele está intrinsecamente ligado à lógica capitalista de exploração e acumulação de riqueza, que se utiliza do racismo como mecanismo de controle e opressão.

A análise materialista nos permite enxergar como o embranquecimento serve aos interesses da classe dominante, reforçando a divisão e a exploração da classe trabalhadora. Ao promover a ideia de superioridade branca, ele desvia a atenção das contradições de classe, fragmentando a solidariedade e enfraquecendo a luta coletiva por justiça social.

Nesse contexto, a conscientização se torna fundamental. É necessário que as pessoas compreendam as raízes históricas do embranquecimento, as relações de poder subjacentes e como ele perpetua as desigualdades raciais. A conscientização abre espaço para a desconstrução de preconceitos internalizados e para a promoção de uma educação antirracista, capaz de desafiar as estruturas dominantes e estimular a solidariedade entre as diferentes comunidades oprimidas.

A organização popular também desempenha um papel crucial na luta contra o embranquecimento. Através da formação de movimentos sociais e organizações comunitárias, é possível fortalecer a resistência coletiva, ampliar vozes marginalizadas e criar espaços de empoderamento e mobilização. A organização popular permite a construção de estratégias coletivas de enfrentamento ao racismo, enfatizando a importância da participação ativa e do protagonismo das comunidades afetadas.

A solidariedade entre os grupos oprimidos é outro aspecto fundamental. Ao reconhecer as interseções entre as opressões, é possível construir alianças e coalizões que fortaleçam a luta contra o embranquecimento e as desigualdades estruturais. A solidariedade entre raça e classe é essencial para uma abordagem integral, que compreenda a interconexão das formas de opressão e trabalhe em prol de uma transformação sistêmica.

No entanto, é importante reconhecer os desafios enfrentados nessa luta. O poder estrutural do racismo e do embranquecimento não será superado facilmente. É necessário um trabalho constante de desconstrução, enfrentamento de privilégios e desafio às estruturas de poder dominantes. A resistência contra o embranquecimento requer uma perspectiva de longo prazo, engajada na transformação social e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em suma, ao adotar uma abordagem materialista histórico-dialética na análise do embranquecimento, ampliamos nosso entendimento sobre suas raízes históricas, seu papel no sistema capitalista e as estratégias necessárias para a resistência e superação. A conscientização, a organização popular e a solidariedade são elementos-chave nessa luta, abrindo caminho para uma sociedade mais justa, antirracista e igualitária.

Referências

- [1]. ALMEIDA, S. L. Republicanismo e questão racial. In: SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. (org.). Dicionário da república: 51 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- [2]. ALMEIDA, S. L.; VELLOZO, J. C. O. Crise, racismo e neoliberalismo. In: SOUZA, E. A.; OLIVEIRA e SILVA, M. L. (org.). Trabalho, questão social e serviço social: a autofagia do capital. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2019.
- [3]. ALMEIDA, S. L. Estado e direito: a construção da raça. In: SILVA, M. L.; FARIAS, M.; OCARIZ, M. C.; STIEL NETO, A. (org.). Estado e direito: a construção da raça. São Paulo: Escuta, 2018, v. 1, p.81-96.
- [4]. ALMEIDA, S. Abordagens teóricas antirracistas. São Paulo. 2018. p. 10.

- [5]. BASTIDE, R. O Próximo e o Distante: Ensaio de Antropologia Social. São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 2001.
- [6]. BHATTACHARYA, T. (Ed.). The ABCs of Socialism. London: Verso, 2017.
- [7]. CARMICHAEL, S.; HAMILTON, C. V. Black Power: The Politics of Liberation in America. New York: Vintage, 1967.
- [8]. CHAUI, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- [9]. CARVALHO, José Jorge de. Uma proposta de cotas para estudantes negros na Universidade de Brasília. Brasília. 2001.
- [10]. CUNHA, O. M. Racismo Estrutural. Salvador: EDUFBA, 2017.
- [11]. CHEN, K.-H. (Eds.). Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies. London: Routledge, 1996. p. 261-274.
- [12]. DAMATTA, Roberto. Notas sobre o racismo à brasileira. In: SOUZA, Jessé (org.). Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil-Estados Unidos. Brasília: Paralelo 15, p.69-76. 1997.
- [13]. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p.
- [14]. DAVIS, A. Mulheres, cultura e política São Paulo: Boitempo, 2017.
- [15]. DAVIS, A liberdade é uma luta constante São Paulo: Boitempo, 2018.
- [16]. DAVIS, Uma autobiografia São Paulo: Boitempo, 2019.
- [17]. DEGLER, Carl N. Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos EUA. Rio de Janeiro: Labor. 1976
- [18]. DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas: a saída conjuntural para os negros na educação. In: PORTO, Maria do Rosário Silveira et al. (orgs.). Negro, educação e multiculturalismo. São Paulo: Panorama, p. 221-234. 2002.
- [19]. DU BOIS, W. E. B. The Souls of Black Folk. New York: Penguin Classics, 1903.
- [20]. FANON, F. Pele Negra, Máscaras Brancas. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1952.
- [21]. GUIMARÃES, A. S. Classes, raças e democracia. São Paulo: Editora 34, 1999.
- [22]. HALL, S. The Whites of Their Eyes: Racist Ideologies and the Media. In: MORLEY, D.;
- [23]. HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade (11ª Edição). São Paulo: DP&A. 2006.
- [24]. HALL, S. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In.: THOMPSON, Kenneth (ed.). Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)
- [25]. LORDE, A. Sister Outsider: Essays and Speeches. Berkeley: Crossing Press, 1984.
- [26]. MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1973.
- [27]. MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Editora Boitempo, 1848.
- [28]. MOUTINHO, L. R. Marxismo e Questão Racial no Brasil: Do PCdoB ao PT. São Paulo: Editora Prismas, 2014.
- [29]. MUNANGA, K. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica editora, 1999.
- [30]. OLIVEIRA, M. de. O elo perdido: classe e identidade de classe. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- [31]. PEREIRA, Ana Claudia Jaquetto. Intelectuais negras brasileiras: horizontes políticos Belo Horizonte: Letramento. 2019.
- [32]. PERRI 6. "Governing by cultures". In: Mulgan, G. (ed.) Life after politics, London, Fontana/DEMOS. 1997.
- [33]. PRADO JÚNIOR, C. A Dialética da Malandragem: Análise de Capoeira. São Paulo: Editora 34, 2016.
- [34]. REED, A. J. Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2016.
- [35]. ROEDIGER, D. R. The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class. London: Verso, 2017.
- [36]. SANTOS, B. S. A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- [37]. SILVA, J. Análise Materialista Histórica Dialética dos Mecanismos e Manifestações Contemporâneas do Racismo. São Paulo. 2022.
- [38]. SOUZA, L. M. (2019). A interseccionalidade nos estudos raciais. Rio de Janeiro: Editora Z, p. 25.
- [39]. TEIXEIRA, F. Capitalismo, Escravidão e Racismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.